

ECUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

"Cessem os ecos e surjam as vozes". (Tomaz de Aquino Toledo, *in memoriam*)

Nº180 - ANO XXXI - OUTONO DE 2023



Ut omnes unum sint

PREPARE O SEU CORAÇÃO

Sim, amigo ibateano, depois da fase aguda da pandemia, que nos isolou, eis que a boa-nova é que dia 12 de agosto - como sempre um sábado - deste ano de 2023, voltaremos aos nossos Encontros Bianuais.

Pode agendar, avisar seus familiares e amigos. Será o reviver de nossa confraternização. Voltaremos a nos abraçar, sorriso largo, gratas recordações, percorreremos cada pedacinho de nosso Seminário, onde passamos os dias de nossa formação.

O tema, sugestivo deste Encontro será **COMPROMISSO**, que significa obrigação, promessa. Voltaremos a Casa da Mãe Imaculada para um dia de bênçãos na fraternidade, reafirmando o nosso Compromisso de nunca nos afastarmos da formação sólida que ali recebemos e que tem orientado nosso caminhar.

Portanto: Encontro dos Ex-alunos do Ibaté.

Local: Seminário do Imaculado Coração de Maria - São Roque

Data: 12 de agosto de 2023.

Esperamos por você.
Deo Gratias!



ORAÇÃO INTER-RELIGIOSA

Espaço marcado por entrelaçamento entre poesia e mística. Por meio de orações de mestres espirituais de diferentes religiões, mergulha-se no Mistério que é a absoluta transcendência e a absoluta proximidade.

DIANTE DO PRESÉPIO: EU SONHO.*

Martin Luther King**

(Cristianismo)



Sonho que os homens um dia levantar-se-ão e compreenderão enfim que foram feitos para viver juntos como irmãos.

Sonho também, nesta manhã, que um dia cada negro deste país, cada homem de cor do mundo

inteiro, será julgado por seu valor pessoal e não pela cor de sua pele, e que todos respeitarão a dignidade da pessoa humana.

Sonho ainda que um dia as indústrias moribundas dos Apalaches readquirirão vida, que os estômagos vazios do Mississippi serão alimentados, que a fraternidade tornar-se-á algo mais que palavra ao final de uma prece, e que ela será, ao contrário, o primeiro assunto a ser tratado na ordem do dia legislativo.

Sonho que um dia a justiça jorrará como água, e o direito, como um rio vigoroso.

Hoje sonho que em todas as altas esferas do Estado e em todas as municipalidades, entrarão cidadãos eleitos, que restituirão a justiça, amarão a piedade e caminharão humildemente nos caminhos do seu Deus.

Sonho que um dia, a guerra terá fim, que os homens transformarão

suas espadas em relhas de arado e suas lanças, em podadeiras, que as nações não se levantarão mais umas contra as outras e que não mais visarão à guerra.

Sonho que um dia o leão e o cordeiro deitar-se-ão um ao lado do outro, que todos os homens sentar-se-ão sob suas parreiras e figueiras, e que ninguém mais terá medo.

Hoje sonho que todo vale será elevado, que toda montanha e colina serão abaixadas, que os caminhos desnivelados serão aplainados e que os caminhos tortuosos serão endireitados, que a glória de Deus se revelará e que toda carne, enfim reunida, há de vê-la...

Sonho que graças essa fé seremos capazes de repelir as tentações do desespero e lançar uma nova luz sobre as trevas do pessimismo.

Sim, graças a essa fé, seremos capazes de apressar o dia em que a paz reinará sobre a terra; a boa vontade, entre os homens.

Será um dia maravilhoso, as estrelas da manhã cantarão juntas e os filhos de Deus bradarão em gritos de alegria.

*in *As Orações da Humanidade das tradições religiosas do mundo inteiro* - Teixeira, Faustino & Berkenbrock, Volney J. (orgs) pág. 147 - Vozes, Petrópolis, 2018

** MARTIN LUTHER KING JR. (nascido Michael King Jr.; Atlanta, 15 de janeiro de 1929 – Memphis, 4 de abril de 1968) foi um pastor batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos de 1955 até seu assassinato em 1968. King é amplamente conhecido pela luta dos direitos políticos através da não-violência e desobediência civil, inspirado por suas crenças cristãs e o ativismo não-violento de Mahatma Gandhi.

CONCURSO DAS CADEIRAS*



Letterio Santoro**

Suma alegria me causou, tempo atrás, a descoberta, entre outros papéis velhos dos tempos de colégio do Ibaté, de três textos literários a mim muito caros: **BOSQUE DA TRAIÇÃO**, **PRIMEIRA COMUNHÃO** e **CRÍTICA**. Mal comparando, provei idêntica sensação que os latinistas da Renascença ao deparar, de repente, com escritos da Roma antiga. Os trabalhos datilografados, embora com pseudônimos, eram de minha autoria; o manuscrito, com letra uniforme e bem feita, era assinado pelo crítico Nazareth dos Reis, poeta maior dos idos de 1959. Os primeiros foram preparados para Concursos das Cadeiras de 58 e 59, o outro constituía-se numa análise do texto **PRIMEIRA COMUNHÃO**.



Tive também minhas veleidades literárias ao fim do colegial. E a melhor prova disso foram os dois escritos datilografados em papel timbrado do Grêmio Literário Pio XII subscritos por Jerônimo de Santa Maria (1958) e por Zorro (1959), pseudônimos através dos quais suspirava certamente por alcançar os píncaros da glória. O primeiro tratando de assunto épico sobre episódio da Guerra dos Emboabas; o segundo retratando impressões da infância com memórias da adolescência. Não disponho infelizmente dos comentários críticos a respeito do texto de 58, mas guardei como preciosidade os originais manuscritos da crítica do Nazareth. Tímido como era, avançava com modesta ousadia através das águas profundas do Concurso, ciente, porém, de estar disputando com os monstros sagrados da literatura em minha própria classe e

de outros companheiros. Aqui e agora me debruço apenas sobre o escrito **PRIMEIRA COMUNHÃO** e as considerações argutas da **CRÍTICA** preparadas pelo colega.

PRIMEIRA COMUNHÃO é uma história que descreve os sentimentos de uma criança de fazenda no dia de sua primeira comunhão. Teria eu pretendido juntar em duas páginas as emoções da Primeira Eucaristia aos sete anos, na Itália, com a lembrança de algum menino conhecido em visita a fazenda em Entre Folhas de Caratinga, nas Minas Gerais, aonde voltei aos dezesseis anos? Tal hipótese não é absurda, pois achei também entre os citados papéis velhos um lindo quadro de Jesus oferecendo a Hóstia Santa a um piedoso menino ajoelhado. Não teria vindo daí minha inspiração? Talvez. Pus-me a ler meu ingênuo conto, mistura de realidade e ficção, e, sinceramente, fiquei decepcionado com tanta infantilidade. Aliás, percebem-se pequenas observações a lápis, em letrinha minúscula, escritas pelo crítico ao longo da leitura e que registraram indelevelmente a sensação sentida por ele. Uma delas diz: “Quanta puerilidade!!!” E ao ler, quarenta e mais anos depois o que escrevi em 1959, só posso confirmar por mim mesmo a impressão do velho Nazareth: “Quanta puerilidade!!!” Não acreditava nos meus olhos: não podia ter sido eu a colocar no papel sentimentos tão artificiais. A leitura me irritava, e há de ter irritado o pobre crítico. E pensar que participava de um Concurso de Cadeiras, cada uma com seu patrono, sempre um grande escritor brasileiro, e os premiados companheiros produziam obras refinadas, publicadas depois nos Ecos da Tribuna, e cujos títulos permaneciam para sempre na memória de nossa comunidade, como *Náufrago do Atol*, *Gravata Branca*, *A Arara Vermelha*. Meu trabalho nem sei se foi classificado; de qualquer maneira nunca poderia ser editado. Aquelas duas páginas do original considero-as muito inferiores à história de 1958 com a qual devo ter concorrido: nesta existe uma certa tensão que provoca a leitura até o fim.

O maior valor que descubro na minha participação, em 59, do Concurso de Cadeiras, foi a coragem de concorrer. Se o fiz, fi-lo em silêncio, sem conversar com ninguém, sem submetê-lo à apreciação de ninguém. Como aliás fazia com os poemas escritos por mim e guardados cuidadosamente em meu **VOZES MARIANAS**, de que jamais alguém ouviu falar. Eu era um menino tímido, mas não temia arriscar-me. E esta qualidade me foi muito importante na vida.

Se fiz questão de ler as duas páginas do trabalho com que concorri ao Concurso das Cadeiras, muito mais questão fazia, quarenta e dois anos depois, de saborear as ponderações de nosso poeta Nazareth dos Reis em sua **CRÍTICA** de dezesseis páginas ou oito folhas manuscritas. Se em meu texto nada havia de louvável literariamente falando, nas observações críticas do Nazareth, meu companheiro de turma, tudo é precioso: a letra miudinha e uniforme, as ideias



Nazareth dos Reis (57/59)
Nazareth Regnum
1937 - 2017

claramente expostas, o rigor da análise, o respeito ao autor, e sempre apontando alguma coisa positiva na obra.

Desconheço se era costume, na época, o autor do texto receber cópia da crítica a ele feita. Talvez sim, até para que o novel escritor tivesse oportunidade de se aperfeiçoar com as observações de um leitor especial. Não tenho, é verdade, a análise sobre meu conto de 1958; tive, no entanto, a sorte de contar com o estudo do Nazareth a respeito do de 1959. E é sobre ele que teço agora meus comentários, ou melhor, resumo em poucas linhas o que a CRÍTICA de nosso poeta Nazareth expõe ao longo de oito páginas. Primeiro, meu escrito não desperta interesse no leitor. Ao contrário, digo eu, afasto-o, pois eu mesmo não queria me ler. Segundo, talvez isso se explique pelo artificialismo de expressão do texto. Depois, notava circunstância forçada e desnecessária; minúcia inútil, sem razão de ser; falta de cuidado e de esmero; repetição de expressões, o que redundava em monotonia; expressões e palavras mal empregadas; falhas de acentuação e pontuação, erros de colocação; confusão de tempos dos verbos; partes do trabalho sem ligação nem relação entre elas; falta de clareza; despreocupação com o polimento do texto; muita indecisão nas partes descritivas. E, o que é mais triste, segundo Nazareth dos Reis, crítico de primeira, a conclusão a respeito de meu PRIMEIRA COMUNHÃO foi que o autor não “viveu” a primeira comunhão de Joãozinho, nome do personagem principal. E reconhecia ele muitas frases sem a alma do verdadeiro lirismo.

Sente-se que o companheiro era um bom crítico ao me propor não desanimar por não ter alcançado o máximo êxito. Como se me dissesse: - Valeu sua participação e o elogio por isso! Mas vai além: reconhece na história certa facilidade de adjetivação, que ele considera uma qualidade. Confirmei a observação, ao ler o texto com mais atenção. Deixando-me esses estímulos, Nazareth me animou a fazer progressos nas letras. Não concluiria mal ao afirmar que em sua CRÍTICA tinha em mente objetividade e justiça, sem contudo ferir a caridade.

Mas a grande e evidente diferença entre minha infantilidade e o realismo severo do crítico se revela na descrição feita por ele da vida da fazenda, do descaso do governo, do êxodo rural a que são obrigados os trabalhadores. Vale a pena ler o trecho em que ele conta dos problemas do dia a dia do homem do campo. Assim criticava ele minha visão mais do que romântica, infantil da vida da fazenda. Meu conhecimento provinha de passeios de férias, o dele se fundava na experiência: deu-me uma grande lição.

Lidos os dois trabalhos, não tenho dúvida: o Nazareth mereceria o prêmio máximo do Concurso das Cadeiras que eu pleiteava com meu insofrito escrito. E me pergunto se o próprio poeta teria participado do Concurso naquele ano.


Lanço um desafio ao informativo ECHUS DO IBATÉ: que se publique, mesmo que seja em partes, um desses estudos críticos, principalmente de trabalhos premiados. Se não acharem nenhum, coloco à disposição o do companheiro Nazareth que tenho em mãos. Não por ser de inferior qualidade sugiro primeiro outro, mas por ter analisado uma obra sem graça como era a minha de então. Mas ficaria orgulhoso se lhe visse a CRÍTICA publicada no ECHUS: era como se minha própria história assumisse ares melhores aos olhos dos leitores por ter sido considerada atentamente por nosso poeta e crítico.

*Escrito em 04.06.2001 e publicado no jornal Comarca de Garça em 03.07.2001

**LETTERIO SANTORO, 83, (Tibúrcio) 55/59 – Natural de Fuscaldo Conzenza, Italia. Pedagogo, professor, escritor e poeta.
- Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça, onde mora) - 14- 99843-1078 - letterios@hotmail.com

CANÇÃO DE OUTONO

Fernando Pessoa, 1910



No entardecer da terra, o sopro do longo outono amareleceu o chão.
Um vago vento erra,
como um sonho mau num sono,
na lívida solidão.

Soergue as folhas, e pausa
as folhas, e volve e revolve,
e esvai-se inda outra vez.
Mas a folha não repousa,
e o vento lívido volve
e expira na lividez.

Eu já não sou quem era;
o que eu sonhei, morri-o;
e mesmo o que hoje sou,
amanhã direi: Quem dera
volver a sê-lo!... Mais frio
o vento vago voltou.

MICROCONTOS



METRÔ - Uma barriga diante dela. a idosa cedeu seu lugar à nova vida que estava chegando.

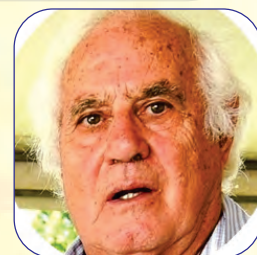
ÉTICO - Aprendera pouco sobre História e Filosofia. Procurava fazer aos outros o que gostaria que lhe fizessem. Agia com todos, sem distinção, sempre com respeito.

RUA SEM SAÍDA - Durante décadas, tinha sonhado com melhorias para a ruazinha cujos moradores enfrentavam, diariamente, uma escadaria feia, suja e com esgoto a céu aberto.

Gislane Carvalho - esposa do amigo ibateano Roberto Delgado de Carvalho. (veja apresentação in Echus 177)

Fonte: Tic-Tac & Outros Microcontos (11-99631.4733//99204.2246)

VISITA INESQUECÍVEL (...E SAUDOSISTA)



Até os sessenta se assunta:
- Como vai, meu grande herói?
Depois é outra a pergunta:
- Olá, meu velho, onde dói?
a.de assis

Attilio Brunacci*

Photo antiqua? não! É atualíssima! A "photo" é do dia 7 de março de 2023; "antiqua" é a figura - com todo o respeito - dos três fotografados. Ela foi tirada por ocasião da visita que me fizeram dois ilustres prelados, e mais do que prelados ilustres, colegas ibateanos cuja amizade fraterna o tempo não conseguiu desbotar. Da esquerda para a direita: o autor desta crônica; em seguida, Dom Fernando José Penteadó e, depois, Dom

Antonio Gaspar.

Você conhece o Fernando? o Gaspar? Claro que sim, porque, às vezes, o nosso *Echus do Ibaté* traz notícias deles em suas edições. Aconteceu que, depois de ordenados presbíteros no Seminário Central do Ipiranga e terem desenvolvido atividades paroquiais na Arquidiocese de São Paulo, ambos viraram bispos - Fernando, em 1979 e Gaspar em 1983 - para ajudar Dom Paulo Evaristo na condução da Igreja paulistana. Mais tarde, Dom Fernando foi nomeado bispo de Jacarezinho-PR, onde ficou dez anos, e Dom Gaspar, indicado como bispo da Diocese de Barretos-SP, na qual permaneceu até janeiro de 2008. O tempo passou e ambos, agora, são bispos eméritos de suas respectivas dioceses, mesmo morando na capital São Paulo.

O tempo passa e não perdoa! Ou seja, os três, eles e eu, estamos passando por sérios problemas de saúde que limitam muito nossas antigas vitalidades, em todos os sentidos. Mesmo porque, Fernando está com 88 anos, Gaspar com 92 e eu com 87. Já pensou?

Apesar de todos os pesares, naquela manhã do dia 7 de março, Gaspar e Fernando, deixando de lado suas limitações de saúde e seu "caráter episcopal", foram na minha casa para uma visita agradável. Recordamos, então, uma enxurrada de assuntos do nosso saudoso tempo do Seminário do Ibaté. Claro que uma boa parte da visita girou em torno do estágio das nossas doenças. Que dureza! Que legal! Que documentário!

Tudo isso me remete às palavras do salmista: "Oh! como é bom e agradável os irmãos unidos viverem juntos" (Salmo 132). Principalmente quando essa união permanece após os 80 anos.

Vamos repetir a dose? Só Deus sabe!

***ATTÍLIO BRUNACCI, (Caridade – Venerável – Tatu), 86 (49/55) – Graduado em Filosofia e Teologia, é escritor, educador e consultor ambiental para a área de Desenvolvimento Comunitário. 11-5181.6300 – brusfe@hotmail.com**

**NÃO DEIXE O NOSSO
ECHUS DO IBATÉ
MORRER !**

É de conhecimento público que o *Echus* vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele se atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é o fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros. Vive tu, *Echus do Ibaté*, para o consolo dos homens!

E como fazê-lo?

Não é nada difícil: com valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o *Echus* não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Saboó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro

encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados *Encontros Bi-anuais*, que, ali já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos?? Sim, continue com as doações, não pare, não. No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que têm dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela Internet a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do *Echus do Ibaté*. Faça com que isso ocorra mensalmente, e que o valor lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento que poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis os dados bancários: Banco Bradesco (237), Ag. 3191, Conta corrente 14399-5, Em nome de Carlos Domingues Cosso, CPF 024.626.218-49, Chave Pix: echusdoibate@gmail.com



Somos gratos!



MACHADO DE ASSIS

"Bondes e burros"

14.01.2023



Muito Prezados Amigos:

Fazendo pausa em demorado trabalho de editoração, tomei este sábado para rever coisas antigas de meu acervo digitalizado: refiro-me às centenas de arquivos mantidos nessa ferramenta a um só tempo abençoada e pernóstica, segundo o uso que dela se faz -- o computador.

À entrada da noite -- 18:10h na tela do computador -- abro uma pasta e me deparo com o que não resisto saborear sozinho e (oxalá não iludido de que seja um refrigério nestes dias infelizes que atravessamos) reparto para (re)leitura com vocês.

Já agora são 19:37 na telinha. Boa noite e Grande abraço
Cgiordano*

16 de outubro de 1892



Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tração e contá-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Anteontem, porém, indo pela praia da Lapa em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade. Não é meu ofício censurar essas meias glórias, ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espíritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecerá sempre algumas mostras de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca?

Em seguida, admirei a marcha serena do bonde, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista, dobrando ele para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória. A gente do meu bonde ia saindo aqui e ali, outra gente entrava adiante e eu pensava no bonde elétrico. Assim fomos seguindo; até que, perto do fim da linha já noite, éramos só três pessoas, o condutor, o cocheiro e eu. Os dois cochilavam, eu pensava.

De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente): eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco a língua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo. Bem sei que cavalo não é burro; mas reconheci que a língua era a mesma. O burro fala menos, de certo; é talvez o trapista daquela grandê divisão animal, mas fala. Fiquei inclinado e escutei:

– Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda.

O da esquerda:

– Desde que a tração elétrica se estenda a todos os bondes, estamos livres, parece claro.

– Claro, parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a história da nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem reletes que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem no dia de Natal escapamos da pancadaria cristã. Quem nos poupa no dia, vingá-se no dia seguinte.

– Que tem isso com a liberdade?

– Vejo – redarguiu melancolicamente o burro da direita –, vejo que há muito de homem nessa cabeça.

– Como assim? – bradou o burro da esquerda estacando o passo.

O cocheiro, entre dois cochilos, juntou as rédeas e golpeou a parelha.

– Sentiste o golpe? – perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os bondes entraram nesta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros desse



tempo entoaram cânticos de alegria e abençoaram a idéia dos trilhos, sobre os quais os carros deslisariam naturalmente. Não conheciam o homem.

– Sim, o homem imaginou um chicote, juntando as duas pontas das rédeas. Sei também que, em certos casos, usa um galho de árvore, ou uma vara de marmeleiro.

– Justamente. Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada, puxa. Sabes o que a diretoria mandou dizer ao antigo gerente Shannon? Mandou isto: “Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que eles se afeiçoem ao serviço; oportunamente mudaremos de política, all right!”

– Disso não me queixo eu. Sou de poucos comeres; e quando menos trabalho, é quando estou repleto. Mas que tem capim com a nossa liberdade, depois do bonde elétrico?

– O bonde elétrico apenas nos fará mudar de senhor.

– De que modo?

– Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.

– Pela burra de Balaam! – exclamou o burro da esquerda –. Nenhuma aposentadoria? Nenhum prêmio? Nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo?

– Passaremos às carroças – continuou o outro pacificamente –, onde a nossa vida será um pouco melhor; não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que ele lhe custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer coisa que nos torne incapaz, restituir-nos-á a liberdade...

– Enfim.

– Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma erva que aí deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de erva, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos; a idade ou a lazeira ir-nos-á matando, até que, para usar esta metáfora humana, esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de três dias, a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. No quarto dia, um vizinho, mais atrevido, corre aos jornais, conta o fato e pede uma reclamação. No quinto dia sai a reclamação impressa. No sexto dia, aparece um agente, verifica a exatidão da notícia; no sétimo, chega uma carroça, puxada por outro burro e leva o cadáver.

Seguiu-se uma pausa.

– Tu és lúgubre –, disse o burro da esquerda –. Não conheces a língua da esperança.

– Pode ser, meu colega; mas a esperança é própria das espécies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza. A nossa raça é essencialmente filosófica. Ao homem que anda sobre dois pés, e provavelmente à águia, que vôa alto, cabe a ciência da astronomia. Nós nunca seremos astrônomos; mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas quimeras. Cada século...

O freio cortou a frase ao burro, porque o cocheiro encurtou as rédeas, e travou o carro. Tínhamos chegado ao ponto terminal. Desci e fui mirar os dois interlocutores. Não podia crer que fossem eles mesmos. Entretanto, o cocheiro e o condutor cuidaram de desatrelar a parelha para levá-la ao outro lado do carro; aproveitei a ocasião e murmurei baixinho, entre os dois burros:

– Houyhnhnms!

Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

– Que homem és tu, que sabes a nossa língua?

Mas o cocheiro, dando-lhes de rijo uma lambada, bradou para mim, que lhe não espantasse os animais. Parece que a lambada devera ser em mim, se era eu que espantava os animais; mas como dizia o burro da esquerda, ainda agora:

– Onde está a justiça deste mundo?

* **CLÁUDIO GIORDANO, 83, 1951/57. 1958 no Seminário Maior do Ipiranga.**

ESTAÇÕES DO ANO





DIVÃ DO IBATÉ KROSA KROSARUM

Dezenove os degraus sobrado acima; cansavam-lhe, sempre em disparada e tanto canelou, marcas até hoje, mais de meio século. Bem na porta, o Terêncio, seu açougue e olho vivo naquela cachorrada, perigosas feras plantadas famintas, um fêmur, uma costela. "Não mexe quando ele come! Morde mesmo!" e tem cicatrizes. Seguia agora lentamente e arrepiado... a dor e o medo. Que seria? Lento mesmo e já na dobra do décimo segundo de onde poderia avistar a casa por dentro. Na família mais um menino. Feliz por isso, livrou-se afinal da falácia da caçulice: não havia privilégios, como tanta gente afirmava, desafiando. Bem vindo o novo irmão! Tanta fralda, o mamá e as brincadeiras. Descobriu criança desse modo, cuidando e agradecendo aliviado.

Antônio Correa, Careca*



Carlinho era assim, um passarinho. Sonhava colorido. Imaginação com asas bailava na ponta dos pés cavos. Tempestades de melodias e arranjos com os olhos bem fechados. Nos dez, estudar que é bom não era seu forte; dava para o gasto, um "esforçado", é o que se diz de quem não é turma "A". Um dia achava que seria, não era ainda. Hora que nunca chegou. Águas pesadas na escola com o distanciamento das companhias e do conhecido e não era por verminose ou avitaminose - a mãe era atenta - que mudança é isso mesmo: adaptação e colisões diárias; numa hora encaixa. Solitário e desacompanhado. Banzo e tristeza. Recolhido e pensativo no manancial de 'bullings' do primeiro ginásio. Para o inocente, no mundo todo parecia ser assim e nada sabia sobre tudo isso e bem mais nas desastrosas provas e chamadas orais. Era o número um, sempre o primeiro a ser expulso pelo mestre que emergia bradando com questões difíceis: tantas vezes que uma aula lhe durava apenas um minuto. "Pegue os cadernos e vá para casa!".

Maria Laginha, a de Português, sem piedade: "seis não é seis e meio!" Reprovou-o naquela segunda-época, mesmo que já tivesse decorado o pretérito imperfeito do subjuntivo de 'vender' ou o pretérito mais que perfeito do indicativo de 'ir'; sabia que era "fora" e não "ira", "mantenho" e não "manto". Tanto esforço por nada e mais o peso da sensação de inutilidade.

Naquela inquieta segunda-feira, a hora de mostrar o boletim vermelho. Difícil, mas ele a enfrentou. Lá no alto, Ethel em empinada majestade, já o esperava. Pan-óptica, do alpendre o avistara. Dobrava agora o trôpego décimo terceiro... Plantada, discurso elaborado e ativa. O rodo adestrado atrás da cortina.

Retumbou, quase parando-lhe o coração. Tivesse passado de ano, poderia subir os degraus restantes em paz, seria recebido à casa com a bênção; a vida seria conservada. Caso contrário e infelizmente, a oferta de duas opções, que escolhesse. Ou seria esquarterado, apanhando muito além da quota normal diária, ou aceitasse a encantadora proposta de ir para o seminário. Gente assim vai tudo para o seminário!

Naquele tempo - e também bem mais para trás, por séculos, herança cultural antiga - seminário era um grande recurso para famílias, um doce refúgio, organização salvífica. Assim como o sonho de uma família judaica era que seu filho se tornasse um virtuoso no violino, uma família católica aspirava que um de seus filhos fosse um padre, além, é claro, de que tivesse uma sólida formação intelectual e espiritual, diferenciando-se dos demais na sociedade, algo que dificilmente poderia ser alcançado em outro ambiente.

Seminário, na vida de Carlinho, era uma coisa, uma ideia muito boa, a começar pelo exemplo de pessoa e modelo de existência que era José Maria Pinheiro, o Zé Maria, hoje um bispo, que frequentava sua casa em companhia de tantos e quantos que à noite iam lá bater papo e tomar café; ele que sempre trouxe para todos uma grande paz de espírito, serenidade, uma inteligência e grande amizade - sabia de perto tudo sobre nós, e que a todos confortava frente às angústias de tão incerto e delicado futuro. Já tivera o Carlinho um irmão lá em São Roque, que visitava sempre e este lhe dizia muito de suas alegrias. Contava-lhe vantagens, propagandeava; lá sentia-se muito querido, gostava demais. Tantas histórias e aventuras lhe eram narradas sempre epicamente... e os amigos dele também já eram considerados

seus grandes amigos: Wilson Cruz, Valter Cruz, Zaqueu, Martini, Bocchini, Fanchini, Viriato, Nadir... O Sapo, o Bosquinho, o Fradão, o Macuco, Picollo, Paulo Cimi, Getúlio e Getulino... Guzzon, Drago, Bruna. Ah, o Mineirinho, quantas histórias de suas musculações! Enxergava agora a chance de conviver com pessoas que ele nem conhecia, mas que amava já havia tanto tempo, por simples tabela, por osmose, assistência e audiência. E o Padre Ruy? O Padre Lefrebvre? O Padre Tarcísio? De perto, ele agora podia conviver com uma pessoa intensamente admirada pela mãe: o Monsenhor Constantino, homem virtuoso, correto, generoso e magnânimo. Poderia ter sido o seu marido - ninguém sabe! - o que, no imaginal, poderia senti-lo como um pai. Embora quem quisesse mesmo ser padre, a verdadeira vocação estava no coração de sua mãe, Ethel, que derramava lágrimas, profundamente arrebatada e em transe místico nos diversos rituais católicos.

Carlinho não titubeou. Conhecendo na própria carne o poder destrutor de sua tão belicosa e exigente mãe - apanhava de pau-de-vassoura, lambadas na bunda e arranhadas todos os dias - reconhecendo também as dificuldades financeiras por que passavam todos ali - criança nova em casa, os pais em vias de desquite numa atmosfera sufocante -, achou bem melhor dizer-lhe naquele instante a frase "realmente é assim: nasci para ser padre! Por isso, eu vou!"; que essa era sua vocação. Foi a primeira vez na vida que disse querer ser padre! Naquele instante, subiu os últimos seis degraus com o peito cheio, mas com a cabeça baixa. "Eu, heim?!?!", pensava ele nessa hora.



Dois dias depois, já estava lá, muito assustado com aquela precipitada reviravolta, metamorfose em sua vida, mas devidamente matriculado. A mãe se dava muito bem com uma pessoa chamada Vicente Ângelo José Marchetti Zioni, com quem na véspera parecia já ter combinado tudo e tudo, por isso Carlinho supôs que, mesmo que tivesse o seis e meio, teria sido peremptoriamente encaminhado ao seminário; era seu destino e uma grande solução para o sériíssimo problema de "uma boca a mais" . Como dizia o próprio Constantino Amstalden em nervosos discursos dos sábados: "Vocês vieram para cá para comer o feijão da Igreja!" As aparências enganam, e todos podiam sair satisfeitos nesse conjunto de acontecimentos, pois a igreja sempre primou - e não havia outro meio - pelo atraente recurso ou dissimulação do espírito encarnado da assistência social aos descamisados, seu verdadeiro nicho de vocações, com margem de lucro na casa porcentual dos cinco, e estaria tudo bem: vários homens desenvolvidos e cultivados, sendo alguns deles padres. Valia a pena.

Dizia que, sim, queria ser padre e estava lá para isso, a troca de muito futebol, piscina, vôlei, gude, espiribol, ping pong, vários outros esportes e brincadeiras, ar puro... todos os dias e, é claro, bem longe das unhas e pancadarias da Ethel. Mas nessa época, criança ainda, o Carlinho não sabia, mas hoje sabe e reconhece que para ele e tantos outros companheiros, tratava-se do melhor lugar em que se pudesse estar: viver longe do núcleo familiar, não há preço que pague isso, o que tornava a experiência uma genuína iniciação; um ambiente propício para crescimento espiritual; não apenas estudos, mas aprendizado que permitia controlar e organizar o tempo; uma formação

que dificilmente seria colocada a prova, intelectual e espiritual, haja vista o amadurecimento tendo por base na vida comunitária; a prática daquele silêncio, elemento chave para desenvolvimento da moralidade, que matava na chinha um mundo de desordens que nem chegava a se manifestar Além disso, as próprias orações, os exames de consciência, os retiros e as missas que faziam com que os caminhos fossem descobertos, por alimentarem uma vida interior. Onde é que se vê isso? Inúmeras portas se abrindo, em especial para a transcendentalidade, o que permitia a descoberta de milhares de recursos internos. São muito poucos os que têm essa oportunidade na vida e era o máximo para um legítimo zigoto espiritual, como era o Carlinho, que passou raspando em todas as matérias.

Chegou lá no dia 14 de fevereiro, com uma mão na frente e outra atrás; suas roupas, sua bagagem pessoal... não dava tempo para preparar tudo isso e ainda bordar um 44 em todas as peças; foram apenas quarenta e oito horas! 12, 13 e 14 de fevereiro. Muita coisa também deveria ser comprada. Que roupas usa um terceiro filho, senão as de seus dois irmãos mais velhos? Parece que tinha que ser tudo novo... Havia uma lista, o enxoval... Foi socorrido por dois alunos, que lhe emprestaram tudo, lençóis, toalhas e até algumas peças pessoais. Casemiro e Ladanir foram seus anjos, abnegadas pessoas que o receberam de braços abertos, cheios de boas orientações. O único novato daquela casa que teve dois anjos! Mesmo assim, o susto que vivia e suas agruras iniciais fizeram com que Carlinho urinasse em incontáveis colchões daquela casa de levitas. Acordou desesperado em quinze madrugadas! Que loucura! Como é mesmo que funciona o organismo psíquico do ser humano? O que o salvou dessa agonia e vergonha, foi trato delicado e compreensivo de Cláudio Fondello, um arcanjo em sua vida, que, após muito poucas palavras e sempre um olhar empático, fez com que acontecesse um apaziguamento de espírito e conseqüente reversão dessa tão indesejada resposta. Deus o salve; gratidão eterna é o que lhe vem ao espírito quando seu nome é lembrado e pronunciado.

Embora já tivesse sido coroinha por tanto tempo, sua casa fosse bastante frequentada por padres e irmãos, tivesse ajudado a inúmeras missas e casamentos, já era familiarizado com batinas vermelhas e sobrepeliz - era um cruzado! - e sabia de cor, de trás prá frente e salteado o "Suscipiat Dominus sacrificium de manibus tuis, ad laudem et gloriam omnis sui...", com tudo isso já instalado em seu espírito, e mais a Comunhão, a Confissão, o Perdão, a Misericórdia, a Caridade -

conhecia bem o rito do Batismo e até a Extrema-Unção e ajudava na compra de hóstias para sua paróquia! - foi-lhe dito que no seminário ele haveria de ficar até que terminasse o ginásio. O ginásio inteiro! Um mil e quatrocentos dias! E que, portanto, já deveria em seu primeiro dia chegar dizendo que, sim, queria ser padre, do contrário ele seria mandado embora, vergonhosamente expulso, sendo que em sua casa já não mais havia lugar para ele. Caso por algum motivo tivesse que retornar, não conseguiria vaga em qualquer escola, se esta fosse particular, pior ainda, que não haveria recurso que a pagasse e que, então teria que ir trabalhar "para saber quando custa a vida". Disse-lhe a natureza que a saída era se mijar todo.

Claro que Carlinho, como natural estratégia de sobrevivência, ainda que muito encabulado experimentou a primeira vez em que, contrariado internamente, pronunciou a célebre frase que selaria a textura de toda sua vivência no seminário: "Eu quero ser padre!". Em seu isolamento e ostracismo íntimo, ele pensava que absolutamente todos ali almejavam isso com honestidade, probidade e lisura, só ele que não. (um dia ele descobriu, perplexo, que isso nunca foi verdade, mas já era tarde demais).

Deveria o Carlinho ficar ali por quatro anos. Essa mentira que vivia fez com que esses quatro anos fossem longos demais. Contava sua quantidade de trás para diante, aguardando ansiosamente pelo zero: pararia de enganar os outros e a si mesmo. No entanto, a mãe e o diretor pensavam de modo diferente: invés de quatro, ele ficaria apenas três anos. Aquele seis se transformaria em seis e meio e seria modificado o nome do colégio... um outro documento seria forjado e a matrícula passaria a ser para a segunda série. Mas... e o Latim, como se faria com essa matéria???

Foi grande a surpresa: todos jogavam futebol e iam à piscina, exceto alguns alunos que teriam aulas todos os dias. Aulas de Latim. Uma adaptação... uma apresentação. Quinze dias de estudo e depois uma prova. - certamente com a aprovação de todos. Um curso intensivo. Houve com isso muitas aproximações, como por exemplo de Luiz Negão, Vladimir Melro, Geraldo Abreu, Décio Cavalheiro e tantos outros que viviam situação semelhante à de Carlinho. Todos resistiram, menos ele, que achava incompreensível as falas do professor escolhido... era um lituano, (Juozas) José Seskevicius, padre que mal falava o português! Ele não dizia "Rosa". Dizia "Krosa!". "Krosa, Krosae, Krosarum". Caramba! Que horror! Carlinho também falava "Krosa", mas, indagava, o que é uma "Krosa?" Muito desanimador! Saiu correndo. Escafedeu-se daquele curso e foi jogar futebol. Nunca mais deu as caras. Adeus, Krosa Krosarum!



E foi assim que a turma do primeiro ginásio daquela escola de levitas, em 1964, ganhou mais um aluno, o Carlinho, que, de imediato, passou a ser o Careca (seu irmão era realmente careca). Ele "herda" essa alcunha, em legado horizontal, um careca cabeludo... Hoje ele agradece muito a sorte que teve: lá viveu quatro anos de sua vida com muito mais alegria e ventura do que poderia supor em seus medos todos, contradições e sua vã psicologia. *Ad Deum qui laetificat juventutem meam! Deo Gratias!*

* Antônio Correa, 70, Careca 64/67 é psicólogo em São Paulo - 11.94805.3693

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao do Pai, como tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo. 13, 1).

O AMOR VULGAR - Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo: Sciens. Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que no mundo, e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor não é amor, é ignorância. Pintaram os antigos ao amor menino, e a razão, dizia eu o ano passado que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacó com Raquel, o de Jônatas com Davi, e outros grandes, inda que poucos. Pois se há também amor que dure muitos anos, por que no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque, ainda que passe dos sete anos, como o de Jacó, nunca chega à idade de uso de razão. Usar de razão e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com afetos, e um entendimento sem uso.

Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor quando conquista uma alma porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético.

O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrasou a vontade que o fumo não cegasse o entendimento.

Nunca houve enfermidade no coração que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito, ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto, que vulgarmente se chama amor; tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. Quem ama porque conhece, é amante; quem ama porque ignora, é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delito, assim no amor diminui o merecimento. Quem ignorando ofendeu, em rigor não é delinquente. Quem ignorando amou, em rigor não é amante.



Colaboração do amigo
José Moreira de Souza, 55/59

Padre Antônio Vieira, 1645
20. SERMÃO DO MANDATO, na Capela Real.

MUITOS SÃO CHAMADOS, MAS POUCOS ESCOLHIDOS (Mt 22,14)



Pax et Bonum!

O convite do Evangelho é anunciado a todo mundo e alcança muitos, mas são poucos aqueles que efetivamente o respondem com fé verdadeira. Na atualidade, cada vez mais vive-se num mundo dessacralizado, o que torna mais difícil ao jovem despertar sua vocação, o reconhecimento de que esteja sendo chamado. A vocação principal de um padre é a vocação cristã, não existe outra variável... ela vem do berço. No entanto, nesses tempos, as famílias têm estado muito desestruturadas e o ambiente dos lares não se revela verdadeiramente católico. É verdade e não resta dúvida que a

sociedade está passando por um intenso processo de paganização. A situação é bastante preocupante para a própria Igreja, na medida em que seja baixo o índice de reposição de seu clero. Tem sido raro o surgimento de novas vocações. Dados mostram que embora o número de católicos, no planeta, tenha tido aumento nos últimos anos, a quantidade de sacerdotes e seminaristas tem diminuído sobremaneira. Seminaristas? Ora, os seminaristas... Conforme pesquisa, em 2019 eles quantificavam 114.058; em 2020, 111.855. Dentro do Vaticano, avalia-se esse encolhimento a razões bastante complexas, em especial a superficialidade na vivência da fé. Dentro de casa, também, quase não há conversas - ou exemplos na convivência -; livros não são mais lidos, o ambiente de oração é desconhecido, o *shopping center* tornou-se um grande e concorrido templo; a existência digitaliza-se a cada instante e a interminável busca por aplicativos substituiu com vantagens as velhas aulas de Catecismo e Doutrina Cristã. A vida está digitalizada! Dessarte, intuimos que o Ibaté faz parte de uma outra remota era. Diante do que acontece nos dias atuais, somos todos jurássicos! Bata a mão em seu bolso, ó caro leitor, que certamente encontrará ali seu tão estimado e bem cuidado celular, seu I-Pad, podendo comunicar-se com todo esse mundo, que está globalizado; em casa ainda esbarrará em algum laptop; no carro ou no pescoço, seu GPS... A carapuça nos serve a quase todos e o Google está sempre de prontidão para ensiná-lo sobre tudo o que precisa saber para viver..., mas será que conseguiria sobreviver? Lembre-se de que somos criados por pai, mãe, vigário, estudos, banhos frios, orações e Diretor Espiritual. Será que...?!?! Faziam tudo por nós e ainda ganhávamos as quintas-feiras de presente, um feriado, sem aulas e com liberdade. Hoje inúmeras empresas cogitam semana com 4 dias de trabalho, que faz aumentar a felicidade e a eficiência de seus funcionários, coisa que praticamos por anos e anos. E somos do tempo em que a Igreja esperava que, dentre todas as turmas nos seminários das várias dioceses do Brasil, quiçá do planeta, 5 (cinco) por cento, pelo menos, haveriam de receber o sacramento da Ordem. O tal Custo-Benefício, cinco está para cem... Era assim que funcionava. Constatamos que no Ibaté, em seus 25 anos de existência, matricularam-se exatos 1.219 meninos. A fonte é um livro de matrículas encontrado na Cúria, mas não é impossível que a quantidade seja maior; a organização burocrática do Ibaté deixa-nos de cabelos em pé. De todo modo, do Seminário de São Roque, segundo cálculos da própria Igreja, haveria de ser ordenados 61 (sessenta e um) ex-alunos. Faça as contas! Nosso propósito aqui é publicar o nome desses sacerdotes. Nomes que, após pesquisa, obtivemos, restando a dúvida: será que há mais? Esquecemos de alguém? Se o leitor notar alguma falha, alguma ausência, queira por favor nos comunicar. Trata de uma antiga curiosidade dos membros dessa *Turma do Ibaté*, algo que jamais fora publicado. O que temos é o nome de 73 (setenta e três) ibateanos que n'algum dia foram abençoados e receberam o Sacramento da Ordem. Fazemos notar que não existem ex-padres! Ei-los, para seu conhecimento:

- | | | |
|--|--|--|
| 1. ALMIR PESSOA CÉSAR -1949 | 25. MARTIN SEGU GIRONA -1950 | 49. JOÃO RIPOLI -1957 |
| 2. ANTÔNIO CARLOS BARRA -1949 | 26. PAULO SEBASTIÃO RIBEIRO -1950 | 50. JORGE DA SILVA BERNARDES -1957 |
| 3. ARY JOLY -1949 | 27. SYNÉSIO BARBOSA DE MELLO -1950 | 51. NASSER KEHDY NETO -1957 |
| 4. ATTILIO BRUNACCI -1949 | 28. ANTÔNIO GASPAR -1951 | 52. ROBERTO DELGADO DE CARVALHO -1957 |
| 5. AURÉLIO VIEIRA DE MORAES -1949 | 29. BARTKUS ALGIMANTAS ANTANAS -1951 | 53. THOMAS GOMIDE -1957 |
| 6. DARCI CASAGRANDE -1949 | 30. ELÍDIO MANTOVANI -1951 | 54. UBAJARA PAZ DE FIGUEIREDO -1957 |
| 7. DARCY CORAZZA -1949 | 31. JOÃO BARIZON SOBRINHO -1951 | 55. GETÚLIO VIEIRA -1958 |
| 8. DURVAL DE ALMEIDA -1949 | 32. JOSÉ MARIA PINHEIRO -1951 | 56. IVO MAZIEIRO -1958 |
| 9. EDMUNDO DA MATTA -1949 | 33. SÉRGIO JOSÉ SCHIRATO -1951 | 57. RENATO ARTAMENDI -1958 |
| 10. FERNANDO JOSÉ PENTEADO -1949 | 34. FELÍCIO GIRELLI -1953 | 58. SÉRGIO CONRADO -1958 |
| 11. HAMILTON JOSÉ BIANCHI -1949 | 35. JOSÉ ELVERTH FERREIRA -1953 | 59. ANTÔNIO APARECIDO PEREIRA -1959 |
| 12. JOSÉ LUI -1949 | 36. ALPHEU LUIZ MARTINS AZAMBUJA SOUZA -1954 | 60. SIDNEY JOSÉ BARONE -1959 |
| 13. LAERTE VIEIRA DA CUNHA -1949 | 37. JOSÉ OSWALDO CLEMENTE -1954 | 61. ÉDISON FRADE -1960 |
| 14. LUIZ FURLANETTO -1949 | 38. LUIZ CARLOS RAVÁSIO -1954 | 62. VINCENZO COLONNA -1960 |
| 15. MARCOS PELIZZARI DE SOUZA -1949 | 39. OTTO DANA -1954 | 63. CELSO PAULO TORRES -1961 |
| 16. MARCOS TARCISO MASETTO -1949 | 40. PAULO NOGUEIRA DE FREITAS -1954 | 64. JOSÉ ARNALDO JULIANO DOS SANTOS -1962 |
| 17. MAURO DE MACEDO -1949 | 41. WILSON BERTOLETTI DE ARAÚJO -1954 | 65. LUIZ VIRTUOSO -1962 |
| 18. OSWALDO GIUNTINI -1949 | 42. DÉCIO PEREIRA -1955 | 66. HELENO CESARINO -1963 |
| 19. PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES -1949 | 43. ACHILES PACCELI OLIVEIRA PINHEIRO -1956 | 67. JOSÉ FERREIRA -1963 |
| 20. TARCÍSIO FRANCISCO DA SILVA -1949 | 44. JOSÉ ROSÁRIO LOSSO NETO -1956 | 68. RENATO LITÉRIO DA SILVA -1965 |
| 21. WALDEMAR CALDIN -1949 | 45. PEDRO CAMPREGHER -1956 | 69. CLÁUDIO ROMANO PIAZZON -1966 |
| 22. WALMIR DA SILVA GOMES -1949 | 46. ANTÔNIO RAIMUNDO DOS ANJOS -1957 | 70. JOÃO AGUIAR -1967 |
| 23. HOLIEN GONÇALVES BEZERRA -1950 | 47. FABIANO VILLELA FIGUEIREDO -1957 | 71. WILSON DE OLIVEIRA SALLES -1967 |
| 24. JOÃO BATISTA DOS SANTOS -1950 | 48. GERALDO DA SILVA BERNARDES -1957 | 72. BENEDITO DE JESUS BATISTA LAURINDO -1971 |
| | | 73. CÂNDIDO DA COSTA -1971 |

DE BANDEIRAS E DE CORES



Começarei este texto com algum receio. Primeiro porque com certeza haverá leitores que não suportarão até o fim destas linhas toda a sensação de pavor diante dos fatos que aqui serão lembrados. Parecerá possivelmente uma facada no peito? Ou mesmo um tiro no coração da vida brasileira procurada, adiada ou perdida para sempre? Deus, ó Deus, onde estás que não respondes? Este grito do poeta dos escravos deixou-nos um recado tão atual quanto pavoroso.



Resolvo, então, pedir socorro para Dona Adélia Prado, grande poeta mineira, e adentro com pressa o barco de seus poemas, implorando ajuda para atravessar sem receio este “mare tenebrosum” de hoje, que parece copiar o mar medieval. Afinal, será nossa terra redonda ou plana? E Dona Adélia me responde: “Existis, ó Deus, porque a beleza existe”. Mas, insisto com ela: e por que, afinal, mesmo existente, Ele não nos responde? Tem pena de nós, ó Deus dos bons poetas e dos maus leitores. Terra plana, índio garimpeiro, grileiro patriota, etc. E, de repente: “Nossa bandeira jamais será vermelha”.

E se Deus não responde, a quem pedirei mais socorro?

E eis que nosso passado ibateano me salva nesta triste hora. Felizmente me veio à lembrança a belíssima façanha de nosso inesquecível “Kiro”, ou seja, do amado Jurandyr Amadi, que nos brindava com a declamação entusiasta do “Navio Negreiro”, poema épico do grande Castro Alves. A lembrança do colega poeta e amante da Literatura deu-me um toque de conquista da calma quase perdida num agudo sentimento de tristeza. E Deus me fala através da lembrança da *amadiana* empolgação lá nos idos de 1950 e qualquer coisa! A tristeza dá lugar à revolta, eis que aumenta superlativamente minha dor. Quer saber por quê, caro leitor?



Recorde comigo alguns trechos daquele poema que nos arroubos do Jurandyr funcionavam como surpresa e indignação.

“E existe um povo que a bandeira empresta / Pra cobrir tanta infâmia e covardia! / E deixa-a transformar-se nessa festa / Em manto impuro de bacante fria! / Meu Deus, mas que bandeira é esta / que impudente na gávea tripudia? / Silêncio, Musa! Chora, chora tanto / que o pavilhão se lave no seu pranto”.

E, mais adiante: “Tu que da liberdade após a guerra / foste hasteado (pavilhão)

dos heróis na lança / Antes te houvessem roto na batalha / Que servires a um povo de mortalha!”

E, então, amigo leitor? Que mudança aconteceu com as cores da nossa bandeira? Verde, amarelo, azul e branco, cores trituradas no banho de sangue do negro escravo... E, afinal, que cor resultou dessa indecorosa mistura? O amarelo canarinho, mais o verde da atacada Amazônia, mais o azul já não tão limpo de nosso céu e o branco do susto pela consciência do que fizemos, e ainda fazemos, com negros, com índios, com quilombolas e com outras diferentes comunidades... Essa mistura de cores explode diariamente nas telas da tv ou nas manchetes dos jornalões nossos de cada dia?

Faço votos de que o poema de Castro Alves seja lido, estudado e compreendido, para que possamos acabar com a dúvida de que nossa bandeira jamais será ... vermelha! Que nunca mais seja transformada em padrão de violência, escárnio e ignorância histórica.

***JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Qüimm, Quinzinho) 50/56, 85, é doutor em literatura brasileira. Aposentou-se da PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos, como amantíssimo professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.Paulo-SP**



Na Casa do Pai

Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.



LINCOLN DE SÁ AGUIAR - Esse prezado ex-aluno do Seminário de São Roque (52/53) foi chamado pelo Pai. O relógio de sua vida badalou sua exata hora, fazendo crescer o deserto ibateano. Saudades e saudades desse amigo tão bem humorado. Nenhuma negociação foi possível: A Covid deixou-o com uma séria sequela: seus rins entraram em falência. Tão forte e tão estimado, partiu surpreendendo a todos. Era o dia 29 de maio de 2022. Contava 82 anos de idade e, oriundo de Fortaleza-CE - onde se formou em Administração na UNIFOR Universidade de Fortaleza - fez sua vida como comerciante em Joinville-SC. Rodeado de muito amor, era casado com Sra. Marielena Aguiar, tinha 4 filhas (Débora, Natália, Carolina e Patrícia), 3 netos (Matheus, Bruno e Murilo) e 1 neta (Rebeca). A todos, as condolências deste Ibaté. Que Deus em sua infinita bondade o acolha e lhe dê vida eterna, ouvindo nossas orações e consolando a todos que sofrem com sua partida.



MARIA APPARECIDA O. FERNANDES - É verdade, Dona Cida foi chamada. Custa-nos acreditar, mas devemos aceitar. Aos 88 anos, essa mulher ultra carinhosa teve que cumprir sua obrigação, deixando-nos todos por aqui. Mesmo forçada por graves problemas renais, teimava em não ir para não deixar seu companheiro, Lourenço Medeiros Fernandes (turma de 1949, nosso querido amigo, conhecido como Perereca). Como ele ficaria? Preocupamo-nos todos com ele, isso é natural... sua idade avançada e o coração de cristal promovido pela viuvez. Mas, não, não, ele está sendo bem tratado por seu genro, o Sr. Petrus, em boas mãos. Vejamos como ele cuidará de seus vinhos, bacalhaus e feijoadas... Isso ocorreu em São Paulo, em 8 de março último. Por aqui, consternados, mas agradecidos por sua tão rica e significativa passagem por nossas vidas, ficam seus três filhos, os seis netos e uma bisnetinha... milhares de amigos e toda a *Turma do Ibaté*. Dê-lhe Senhor, e a todos nós, a sua santa paz e a vida eterna. Amém.



VICENTE DE PAULO MORAES - Mas o que houve, o que anda acontecendo? Será o vagão passando a frente da locomotiva? Foi o que aconteceu com nosso amigo Vicente, ibateano da turma de 1962, quase 72 anos... Temos a nítida impressão de que tenha sido chamado certamente por uma questão de emergência lá nos céus. Só pode ser por isso, pois é muito evidente que tenha ido antes de sua hora, bem antes daquilo que sentimos no coração. É dolorido demais, mas devemos todos aceitar, reconhecendo nossa ignorância, nossa pouca fé, nossas misérias e nossas fraquezas; para que lembremos sempre, com suma reverência e profundo respeito, dos desígnios de Deus. Sentimo-nos inconformados com essa grande perda, ainda mais ele que já tenha passado por essa mesma experiência há nem três anos atrás, quando se foi seu querido filho, o André, bastante novo ainda... Deus sabe o que faz! Sua família fica aqui conosco, a querida filha, Maria Clara e sua amada esposa, Dona Marília. O pessoal de seu cartório, em Itu, (cidade em que faleceu), seus incontáveis amigos e toda a Turma do Ibaté lamentamos sua passagem e pedimos a Deus que o receba em sua glória. Que todos os seus consigam forças e fé para superar a perda

desse homem que viveu uma vida plena de amor e combateu o bom combate.



**Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir**

Cora Coralina

PARÓQUIA DAS TROVAS

A mudança de atitude
diante de uma evidência,
é caráter, é virtude;
é sinal de coerência.

Alfredo Barbieri - 49/53

Nosso pão de cada dia;
alimento salutar,
que na mesa, todavia,
não pode nunca faltar.

Joel Hirenaldo Barbieri, 51/58

Minha saudade se lança,
em tempos que longe vão;
meus folguedos de criança,
meu restinho de ilusão.

Não há verão nem inverno...
E nunca o outono se espera...
Quando o amor se faz eterno,
sempre há de ser primavera!...

Jaime Pina da Silveira
Padres Pavonianos

Trem, lá nas Minas, é um mito.
Só o trem, não chamam de trem.
Se o sapo é um trem esquisito,
perereca é um trem também!

Não que eu seja um insuspeito,
Que será que anda rolando...
Você está é caçando um jeito
p'ra que eu vá dormir chorando!

Sonatas de Dag Achatz
Ecoam na madrugada.
Quisera eu e *mein schatz*
Viver o amor e mais nada.

Antonio Correa, 64/67

Se o teu beijo, que inebria,
deixasse os lábios doendo,
o bairro não dormiria
com tanta gente gemendo!

Edmar Japiassú Maia
Coadjutora Magnífica Convidada

A mensagem dos meus lábios,
em resposta a sua ofensa,
tem o silêncio dos sábios,
que outra resposta dispensa!

Edna Valente Ferracini
Coadjutora Magnífica Convidada

Sob o controle de Crono,
muda-se essa estação.
Já vem chegando o outono
e se despede o verão.

Valdevino Soares de Oliveira, 59/63

Estou caindo de sono
neste final de verão.
Na porta bate o outono.
Abro. É a nova estação.

Por enquanto é só esperar !!!
Outra oferta, não me faça.
Se é presente para dar,
o meu preço é de graça.

Antonio Jurandy Amadi, 51/57

Não adianta abrir a porta,
nem olhar pela janela,
se a pessoa que lhe importa
não vai mais passar por ela.

Envie-nos também a sua trova!



Para-choque do Caminhão do Ibatê

DEUS PREFERE ATEUS GENTIS A
CRISTÃOS QUE ODEIAM.



PHOTANTIQUA



Pioneiros Uniformizados
1949

José de Mello Junqueira
Francisco Fierro
Mário Polesi
Walmir da Silva Gomes
Zeferino de Souza Coelho
Zé Luiz Mariano Gomide Ribeiro
Ary Joly
Luiz Furlanetto
Não identif.
Nélson Esteves Sampaio
Edmundo da Matta

Acervo de Luiz Furlanetto

Photodiarna



**11o. Encontro em São Roque
24.08.2013**

01. Luiz Gonzaga Cruz, 57
02. Luiz João Corrar, 59
03. João Aguiar, 67
04. Joel Hirenaldo Barbieri, 51
05. José Justo da Silva, 51
06. Luiz Roberto de Oliveira, 64
07. Luiz Roberto Soares, 64
08. Antonio José de Almeida, 63
09. José Ricardo Falcão, 64
10. Antônio da Aparecida Simões Cucio, 67
11. Rovirso Aparecido Boldo, 64

12. Sérgio Crispilho, 65
13. Durval Bueno, 66
14. Geraldo Luiz de Abreu, 64
15. Aníbal Poty de Souza, 49
16. Alfredo Barbieri, 49
17. José Maria Pinheiro, D., 51
18. José Geraldo Licheri, 51
19. Édson Depólito, 63
20. Milton Games Robles, 60
21. José Moreira de Souza, 55
22. Carlos Domingues Cosso, 54

23. Francisco Ferreira de Almeida, 64
24. Luiz Monteiro, 53
25. Fernando José Penteado, D., 49
26. Francisco Fierro, 49
27. Wilson de Oliveira Salles, 67
28. Walmir da Silva Gomes, 49
29. Cira Lucartz, viúva de Gilberto Lucartz
30. Alessandra Barbieri, filha de Alfredo Barbieri



MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.

ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)



De **ROVIRSO APARECIDO BOLDO 64/69 (São Paulo-SP)** - Imbuídos do espírito natalino da paz, gratidão, bondade e esperança, que possamos nos fortalecer e renovar a alegria, a solidariedade, a perseverança e a fé, mormente para superação dos novos desafios que virão no próximo ano. Feliz Natal e abençoado Ano Novo. São Paulo-SP 21.12.2022



De **ANTÔNIO CARLOS FREITAS - Pixote, 60/63 (Marataíses-ES)** - Bom dia Wilson. Tudo bem com você? Com relação a essa última edição do ECHUS, gostaria de registrar que eu também fui um “formando de 1963”. Apenas fiz as provas finais na Cúria Metropolitana de São Paulo. Um abraço. 21.12.2022



De **HERMÍNIO BERNASCONI - Seminário Central do Ipiranga 1960 (Manaus-AM)**- Mosca, que lindo o Echus 179. Cheio de histórias e recordações de tantos colegas do velho Ipiranga, infelizmente, cada vez menos, Zé Melo, Attilio, Lui, o bispo Zé Maria, Alfredo Barbieri, Giordano, Furlanetto e outros... Echus não pode acabar. Continuarei a participar de sua existência. Um abraço e um Natal com muita Esperança. herminio35@gmail.com 21/12/2022



De **LUIZ DA CUNHA FERREIRA DE MIRANDA, 58/59 (Barroselas, Portugal)** - Obrigado, Wilson, pelo envio através do link do nosso Echus, que pretendo tirar o maior proveito para matar saudades e tentar, o que não é nada fácil, vislumbrar os traços fisionômicos de antigos colegas, ao menos os do meu tempo, mas, repito, é praticamente impossível. Aproveito para enviar à equipe, bem como a todos os demais colegas, um santo e feliz Natal. 21.12.2022



De **FRANCISCO CORDÃO - Seminário Central do Ipiranga - (São Paulo-SP)** - Caríssimo amigo Wilson Mosca, gratíssimo pelo brinde de passagem da Primavera para o Verão (Echus 179), como os nossos melhores votos de Feliz e Santo Natal e uma feliz passagem deste ano para um Ano Novo, com votos de que seja verdadeiramente uma Novo Ano, pleno de alegrias, saúde, paz, realizações, encontros agradáveis e felicidades. Gratíssimo. Cordiais e fraternos abraços. 21.12.2022



De **JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO, 60/62 (Salvador-BA)** - O *ECHUS DO IBATÉ 179* chegou, como prenúncio do Verão, nos obsequiando com interessantes textos e anunciando a vinda do NATAL. Os nossos agradecimentos a você, Wilson Mosca, ao Antonio Corrêa e a toda equipe que trabalhou, sem medir esforços, para essa exitosa publicação. jramalho47@gmail.com 22.12.2022



De **ALFREDO BARBIERI, 49/53 (Taubaté-SP)** - Como sempre, a chegada do *ECHUS* é uma alegria e leio de cabo a rabo (tradução popular do “Ab initio ad finem”). Estava pronto para comentar os textos, mas desisti. Não há destaque. Cada um melhor que outro. É erudição, emoção, recordação, saudades, homenagens, encantamento, alegria.. É um mergulhar no tempo, fazendo presentes episódios que nos enlevaram e embalaram nossa juventude - *AD DOMINUM QUI LAETIFICAT JUVENTUTEM NOSTRAM*. Obrigado a todos os que participaram deste *ECHUS* e aos editores. Nossa voz sem o *ECHUS* não sente o retorno da vida intensa que vivenciamos. Nossos colegas ibateanos têm uma bagagem literária invejável. Mande seu artigo, sua poesia, seu comentário. *Sufficit*. Já estou ficando prolixo. Adeus. 22.12.2022



MENSAGENS RECEBIDAS

Fazer vínculos é viajar no tempo;
Em cada estação, um novo apito.

ZEQUINHA (José Luiz Brant de Carvalho, 51/58)



De **VALTER NUNES CORREA, 66/67 (Osasco-SP)** - Obrigado a vocês que nunca deixaram de participar desse dia de meu aniversário. Ainda ontem fui almoçar na roça e tinha lá um pé de pera carregado. Apanhando uma, me lembrei e comentei com minha mãe sobre as tantas pereiras no pomar do Seminário. A gente envelhece, mas a alma continua a viver de tudo que fomos. Sou grato a vocês por fazerem parte da minha história. 26.02.2023



De **PE. VINCENZO COLONNA - 60/62 - Cinisello Balsamo, Comunidade da Lombardia, província de Milão, Itália -**

BENEDIZIONE - Augurio per te!

- In questo nuovo anno 2023: Possa la via crescere con te ! Possa il vento essere alle tue spalle ! Possa il sole scaldare il tuo viso ! Possa Dio tenerti nel palmo della sua mano !

- In questo nuovo anno 2023: Prenditi tempo per amare perche' questo e' il privilegio che Dio ti da' !

Prenditi tempo per essere amabile perche' questo e' il cammino della Felicità !

- In questo nuovo anno 2023: Prenditi tempo per ridere perche' il sorriso e' la musica dell' anima ! Prenditi tempo per amare con tenerezza perche' la vita e' troppo corta per essere egoisti !

BENÇÃO- Desejo para você!

-Neste novo ano de 2023: Possa a vida crescer com você! Possa o vento estar nos seus ombros! Possa o sol aquecer a sua face! Possa Deus ter você na palma da sua mão!

-Neste ano de 2023: Gaste seu tempo amando porque este é o privilégio que Deus lhe dá! Gaste seu tempo sendo amável porque este é o caminho da Felicidade!

-Neste ano de 2023: Gaste seu tempo sorrindo, porque o sorriso é a música da alma! Gaste seu tempo amando com ternura, porque a vida é muito curta para ser egoísta!

Prezado Leitor,

Ocupe mais plenamente este espaçozinho de Mensagens Recebidas.

Dê mais energias ao Echus do Ibaté. Não permita que a vida simplesmente escorra entre seus dedos: participe com entusiasmo, enviando-nos seus comentários, sugestões e críticas. Mande-nos e-mails, cartas, WhatsApp, telefonemas, motoboys e anúncios. Todos precisamos conhecer sua opinião e somos eternamente gratos. Deo Gratias!

A PAZ NO MEIO DA RUA - Eu tenho da paz uma imagem absolutamente concreta. Isso mesmo: vi com meus próprios olhos a paz entrando na terra.

Eu estava em Paris no dia 8 de maio de 1945. Os alemães acabavam de depor as armas em toda a Europa. A *Radiodiffusion Française*, onde trabalhei uns poucos meses nas transmissões para o Brasil, tinha seus escritórios na própria Avenida dos Campos Elíseos, que vai do Arco do triunfo do Carrousel ao Arco do Triunfo propriamente dito, postado entre suas 12 avenidas, no alto da Étoile. Estavam iluminados os arcos triunfais. Mas não para o desfile de exércitos.

Em setembro de 1944, quando De Gaulle voltou a Paris e a guerra prosseguia, houve desfile militar, emoção guerreira. Nos telhados, ainda havia franco-atiradores, alemães escondidos, fanáticos do regime de Vichy. Soaram os disparos até durante o *Te Deum* na Catedral de Notre Dame.

Na festa do final da guerra, não. Quando se manifestava, o silêncio da massa de povo que atulhava as ruas era mais forte que os cânticos. Do que a Internacional. Do que a própria Marselhesa. O que se via era uma espécie de Natal em maio, uma festa meio absurda, fora do calendário. Podia ser até - era o que a gente pensava - que ela não tinha vindo para ficar. Mas naquele momento, naquela noite, a paz estava ali, no meio da rua.

Antonio Callado
(fonte: Fundação Banco do Brasil)

Eu pecador me confesso a Deus todo poderoso!

NOSSOS CASOS EDIFICANTES

Tenho em mãos e me delicio a toda hora contemplando a Revista *Casos Edificantes*. Trata-se do vade-mécum que enfeita nosso Echus - Exus? - do Ibaté sempre inspirado por nosso José Lui.

É auspicioso que nosso Antônio Carlos Corrêa a tenha apresentado e nosso Letterio Santoro, comentado logo na abertura. Eu gostaria de ler comentários de outros autores nossos de “casos edificantes”. Quinzinho, Getulino, Paulo Toschi, Alfredo Barbieri. Isto só para puxar a fila.

Vou ficar com Letterio e as “*Glórias de Maria*”. E já me perguntei nessas páginas de nosso Echus sobre a diferença que certamente houve em São Roque com o fechamento do Seminário Menor Metropolitano de Aparecida no ano de 1957. Eu entendo que nossa vivência em Aparecida se encontra recheada de casos edificantes. Letterio narra seu encontro - digo reencontro - com as Glórias de Maria. Ponto final da Ascese Mística; Via Unitiva, segundo o *Tratado de Teologia ascética e mística*.

Pois bem. Na minha interpretação, Aparecida nos ensaiou na Via Purgativa. Com isto, São Roque seria para nós Via Contemplativa e o Ipiranga a Via Unitiva.

Não vou me referir aos casos exemplares da via purgativa lidos e comentados nas horas de “Leitura Espiritual”. Essas leituras se faziam religiosamente às 17:30. Antes da última refeição. O “padre espiritual” escolhia para nosso encantamento - às vezes e mais frequentemente para nos desencantar - obra como “A Pérola das Virtudes”, em que se comentava os graus de Consciência: laxa, delicada e coisas assim. São Luiz de Gonzaga se mostrava para nós como modelo de consciência delicada. Insistia nosso “Padre Espiritual” que esse jovem jesuíta desmaiava apenas ao imaginar um possível pecado!!! - “Antes Morrer do que pecar!” Seguia-se “Confessai-vos bem”, obra do padre Luiz Chiavarini, publicada pela Paulinas. Mais casos de pessoas condenadas ao inferno, mobilizados pela consciência laxa. Desse mesmo autor: “Comungai bem”, pequenos relatos de devotos condenados ao fogo do inferno pela comunhão sacrílega!!! Essas leituras espirituais constituíam o fundo dramático da via purgativa.

O núcleo da via purgativa se mostrava no regulamento. Vejo no Oito e meia de Felini a síntese dessa via purgativa. La Saraghina!!!

Em algum dia de fevereiro de 1953, às 10:00 horas da manhã, um trem de ferro parou na estação de Aparecida. Uma chusma de mineiros xucros desembarcou. Era gente provinda de Diamantina, de Senhora do Porto, de Joaíma, de Terra Branca, de Curvelo, de Corinto, de Gouveia, de Datas, de Betim. Multidão de xucro. Um tal de Zé foi picado por escorpião e levado à Santa Casa. Ao retornar: quase todo o enxoval havia desaparecido. Parte fora recuperada. Um menino mais xucro ainda passou a colecionar peças dos enxovais dos colegas. Deliciou-se por uma semana da pensão familiar do Seminário.

Quinze dias após, caso tão edificante, o senhor reitor deportou algumas dezenas de seminaristas, após manifestarem o desejo de viver no seminário para no futuro se tornarem chofer de caminhão, mestre de obras, dentistas, advogados, barbeiros e que tais.

Porém, um dos casos edificantes mais comovedor, se deu, na manhã de um certo dia da semana: O cônego reitor convocou toda a comunidade à capela. Fato inédito. Palestras do Cônego Reitor somente se davam nas manhãs de domingo e eram comoventes dado aos dons oratório.

A conversa foi rápida e severa:

- Um de vocês escreveu coisas nos banheiros. Quem foi que se acuse.

Silêncio. Silêncio sepulcral!

- Acuse-se, pois todos estão de castigo. Castigo Geral!

Nosso silêncio foi maior do que os dos retiros espirituais.

Passada meia hora. Fomos convocados novamente à capela.

- Está suspenso o castigo. Um colega de vocês já se acusou.

Esse colega nosso não chegou a São Roque, mas se tornou diretor de colégio e emérito professor. Coursou Letras, Economia e Administração Pública, Direito e Medicina Veterinária. Eu imagino que deveria colocar na porta do

José Moreira de Souza*

*Procul recedeamt somnia
Et noctium phantasmata
Hostemque nostrum comprime
Ne pollutantur corpora.***
[Hino da oração da noite.
Epígrafe do poema “Ephialta”
de (ex)padre José Severiano de
Resende in Mistérios.]



educandário do qual foi um dos sócios em letras garrafais:

**AQUI VOCÊ SE EDUCA
EU ME ACUSEI!**

Tudo disto para fixar o heroísmo de dom Letterio, em maio a toda essa confusão de via purgativa, ele saltou direto para a via unitiva: a entrega absoluta e irrestrita a Nossa Senhora

TUUS TOTUS EGO SUM ET OMNIA MEA TUA SUNT.



Eu, pobre miserável: - “Há pobreza que é virtude e pobreza que é miséria.” Não há bem-aventurança na pobreza miserável, lembra-me o padre Antônio Vieira em sermão pregado no ano de 1647; - jamais imaginei alcançar a via unitiva.

O maior caso edificante, este me edificou para sempre, se deu no dia em que o padre prefeito - Francisco Russo - reuniu os seminaristas pobres miseráveis e presenteou cada um de nós com o de que necessitávamos.

Eu ganhei um par de sapatos de elevada qualidade. Em toda a minha vida nunca recebi um presente desses. Isto me edificou. Atenção à pobreza miserável!!

* **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA**, 82, (55-59) Sociólogo e escritor. Garimpeiro de raiz. Professor aposentado da UFMG. Atualmente dedica-se às letras e, há muitas décadas, ao Folclore Nacional (Presidente da Comissão Mineira de Folclore), além de emérito conhecedor da cachaça mineira - (31) 3386.1290 zedeflora@gmail.com

** *Fiquem bem longe de mim os pesadelos e todos os fantasmas que povoam as noites.*

Arrasem-se nossos inimigos

para que nossos corpos não se poluam.

A tradução na obra “Prima e Completas” da editora São Paulo SA 1955



Nos anos anteriores, publicávamos os êxitos e o desempenho do ibateano **ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCCIO (67/68)** nas corridas do último dia do ano, a famosa São Silvestre

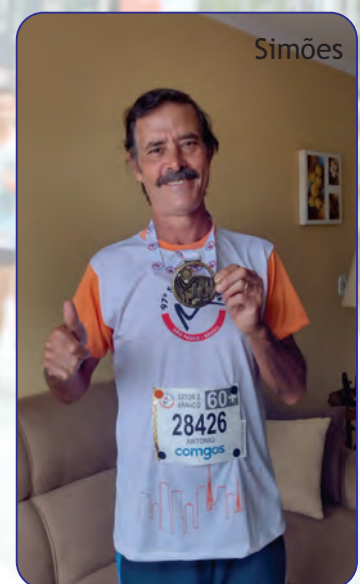
Na final de 2022, descobrimos que há mais um ibateano que com frequência participa desta mesma corrida: trata-se de **DÉCIO CARDOSO LIRA (68/71)**. Seja ele também bem-vindo a essa nossa página

Abaixo demonstramos o desempenho dos dois colegas nas últimas edições da **SÃO SILVESTRE**: muitas alegrias.



Décio

ANO	POSIÇÃO GERAL	FAIXA ETÁRIA	IDADE	POSIÇÃO FAIXA ETÁRIA	TEMPO HS
SIMÕES					
2011	6.700	55/59	57	398	1:29:05
2012	7.795	55/59	58	493	1:35:01
2013	10.077	55/59	59	652	1:39:04
2014	6.620	60/64	60	290	1:34:19
2015	4.460	60/64	61	196	1:29:50
2016	6.126	60/64	62	307	1:40:52
2017	4.444	60/64	63	189	1:27:48
2018	9.057	60/64	64	523	1:47:35
2019	3.032	65/69	65	43	1:24:58
2021	2.726	65/69	67	56	1:28:49
2022	5.245	65/69	68	112	1:33:01
DÉCIO					
1999	9.071	40/44	44	1.080	1:39:45
2000	6.082	45/49	45	1.167	1:21:44
2001	3.826	45/49	46	281	1:18:34
2002	3.201	45/49	47	209	1:18:20
2005	3.251	50/54	50	217	1:18:15
2006	2.419	50/54	51	154	1:11:34
2007	2.886	50/54	52	207	1:18:14
2008	3.430	50/54	53	252	1:16:59
2009	2.766	50/54	54	220	1:16:40
2010	3.362	55/59	55	175	1:17:59
2011	4.604	55/59	56	253	1:22:46
2022	4.922	65/69	67	101	1:31:53



Simões

Parabéns aos dois colegas ibateanos, **SIMÕES** e **DÉCIO** que, com sua persistência e entusiasmo, tantas alegrias e orgulho nos proporcionam.

CASO EDIFICANTE CASO INESPERADO



José Lui *



*JOSÉ LUI, Caipira, 86, filósofo, teólogo e pé-de-valsas, mora em S.Paulo-SP rubrolui@gmail.com
(Estampa: Ênio)

Na maternidade acontece um grande alvoroço entre os médicos e as enfermeiras.

Nasce uma criança que começa imediatamente a falar coisas inexplicáveis.

Disse que dentro de cinco dias ela morreria.

Dentro de dez dias, morreria a mãe.

E dentro de trinta dias, o pai.

De fato, passados os cinco dias, a criança morreu e, passados dez dias, foi a vez da mãe.

O pai, então desesperado, vendeu tudo o que tinha, gastou todo o dinheiro ficando sem nada.

Acontece que, no trigésimo dia, morreu o vizinho!!!!!!!!!!!!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 15.03.2023	
POSIÇÃO EM 16.12.2022	41.259,61
ENTRADAS	
Contribuições e doações	3.311,00
Venda CASOS EDIFICANTES	120,00
Juros	882,84
TOTAL ENTRADAS	4.313,84
SAÍDAS	
Diagramação Echus 179	500,00
Etiquetas	50,00
Envelopes	24,70
Despesas Correios	81,00
Doação Paróquia Pe.Cido	500,00
Impressão Echus 179	90,00
Despesas Bancárias	96,60
TOTAL SAÍDAS	1.342,30
SALDO ATUAL 15.03.2023	44.231,15
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

Agradecimentos



A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 17.12.2022 a 15.03.2023, dos seguintes colegas: Antonio Carlos de Freitas, Antonio da Aparecida Simões Cuccio, Pe. João Ripoli, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Paulo Bruna, Luiz de Almeida Lopes Filho-Macuco, Luiz Pedro Araujo-Vó, Luiz Roberto Soares-Araçá, Maria Alvina Krähenbühl (Domingos Sávio Amstalden), Roberto Lui, Vicente de Paulo Moraes (in memoriam) e Vladimir Merlo Garcia

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é uma publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Freitas, Antonio Corrêa, Antonio Jurandyr Amadi, Attilio Brunacci, Cláudio Giordano, Francisco Cordão, Gislaine Carvalho, Herminio Bernasconi, Jaime Pina da Silveira, João Francisco de Brito Ramalho, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz da Cunha Ferreira de Miranda, Rovirso Aparecido Boldo, Valdevino Soares de Oliveira, Valter Nunes Corrêa e Pe. Vincenzo Colonna.

Contribuições: O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros do seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49), por meio da conta bancária no Bradesco (237), Ag.3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5, ou PIX: echusdoibate@gmail.com. Tão logo seja realizado algum depósito, envio-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto 34 - CEP 01258-010 - São Paulo - SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

e-mail: echusdoibate@gmail.com

Página do Facebook: Ibateanos S Roque

Echus do Ibaté nas Nuvens: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/>

Diagramação:

Juliana Messias - julimessias@gmail.com